

Forças Especiais na Guerra Não Convencional

Coronel Michael R. Kershner, Exército dos EUA

A GUERRA não convencional é, provavelmente, a forma de operação militar norte-americana menos entendida. Não é simplesmente uma variante da guerra de guerrilha. Operações de informação e apoio de informação, guerra de guerrilha, recuperação por meio de assistência não convencional, subversão e sabotagem, todas têm um papel na guerra não convencional.

Segundo a doutrina conjunta, a guerra não convencional faz parte de um “amplo espectro de operações militares e paramilitares, em geral de longa duração, conduzida predominantemente por nativos ou forças substitutas que são organizadas, adestradas, equipadas, apoiadas e orientadas, em vários graus, por uma fonte externa. Abrange a guerra de guerrilha e outras formas de ofensivas diretas, pouca visibilidade, operações secretas ou clandestinas bem como as atividades indiretas de subversão, sabotagem, de inteligência e fuga e evasão”.¹ Essa definição ampla compreende todo o espectro das atividades da guerra não convencional.

O Comando de Forças Especiais do Exército dos EUA (Aeroterrestre) conduziu recentemente uma série de seminários sobre guerra não convencional para incentivar as Forças Especiais (FE) a voltarem às suas origens e ser a força especial de maior relevância no mundo. A guerra não convencional sempre foi a principal missão das FE; todas as outras tarefas são um subsistema desta missão predominante.

Devido ao seu adestramento especializado as FE são consideradas pelo Exército como a mais relevante de suas forças. Enquanto o Exército luta com a estrutura, doutrina e operações da Força Provisória e da Força Objetivo, as FE devem continuar relevantes durante todo o século XXI.

O Mundo como um Campo de Minas

Se o mundo de hoje serve como referência, o mundo de amanhã será volátil, incerto, complexo e perigoso. Existirão, cada vez mais, situações militares e políticas ambíguas, repletas de inimigos não tradicionais, inclusive narcotraficantes endinheirados, empresas criminosas, milícias e exércitos particulares. Diferenças raciais, étnicas, econômicas e ideológicas dificultarão em muito o trabalho eficaz do governo. Quanto mais frágeis são estes governos, mais cedo áreas problemáticas irão afetar sua habilidade de prover o bem estar do povo ou de mantê-lo submisso, como acontece frequentemente. Governos ineptos contribuem para a existência de fronteiras problemáticas, corrupção e de outras oportunidades para serem exploradas. A anarquia, o tribalismo e regimes autoritários reacionários ocupam os espaços à proporção que decaem a qualidade do governo.

Embora as ameaças futuras sejam imprevisíveis, certamente não serão uma competição entre amigos. A probabilidade de qualquer nação combinar a ascensão militar com um poder econômico dominante é virtualmente inexistente. Isso não quer dizer que os EUA se encontram em melhores condições de segurança do que no passado. Seu poder e sua sociedade democrática aberta oferecem oportunidades ao inimigo. Por exemplo, quando o ditador iraquiano Saddam Hussein tentou enfrentar, em plano de igualdade, as forças norte-americanas em um terreno similar ao do Centro Americano de Adestramento, outras nações observaram sua inevitável derrota e aprenderam as devidas lições. Raramente uma nação enfrenta um adversário tão condescendente. Os Estados Unidos não devem presumir que seu próximo oponente será tão cooperativo.

Os termos “da moda” para as próximas ameaças serão

“assimétrica e assíncrona”.² Esses termos, na realidade, significam não convencional. Os EUA contam com a melhor arma para a guerra não convencional — as FE. O simples potencial de forças adestradas e preparadas para conduzir guerra não convencional é um alerta e uma dissuasão estratégica para os inimigos dos EUA.

O ambiente instável de hoje, que será muito pior no futuro, é terreno fértil para guerras não convencionais e o ambiente para o qual se deslocarão as FE. Mais de 750 soldados, em qualquer dia do ano, conduzem uma média de 61 missões em 39 países.³ Esse envolvimento universal assegura a contínua relevância das FE, e o fato de serem conhecidos como “Escoteiros Globais”.⁴

Devido às suas extensas e complexas missões, os

Segundo a doutrina conjunta, a guerra não convencional faz parte de um amplo espectro de operações militares e paramilitares, em geral de longa duração, conduzida predominantemente por nativos ou forças substitutas que são organizadas, adestradas, equipadas, apoiadas e orientadas, em vários graus, por uma fonte externa.

soldados das FE estão envolvidos diariamente com a guerra não convencional. A Operação *Desert Storm* foi o último conflito convencional travado pelo Exército. Somente entre 1999 e 2000 ocorreram mais de 50 incidentes identificáveis de guerra não convencional, o que demonstra a importância da perícia nesse tipo de guerra.⁵

Originalmente, as FE foram estruturadas para o tipo de guerra não convencional da década de 1950, baseando-se no modelo das equipes *Jedburgh*, do Escritório de Serviços Estratégicos, que operaram durante a II Guerra Mundial.⁶ Durante a revitalização das operações especiais na década de 1980, o Exército concentrou-se na ameaça soviética contra o oeste europeu. Para garantir sua relevância durante a Guerra Fria, as FE assumiram um grande papel nas atividades de reconhecimento especial e ação direta.

Com o fim da União Soviética, as funções de ação direta e reconhecimento especial foram obscurecidas. As operações militares de não guerra são cada vez mais importantes. As FE têm assumido um número crescente de missões de defesa interna no exterior, para apoiar o Exército e preparar o ambiente estratégico.⁷

FE — Habilidades Especiais

À medida que o mundo se torna cada vez mais incerto e volátil as FE devem estar bem preparadas para a guerra não convencional. Por lei, somente as forças do Comando de Operações Especiais dos EUA (*US*

Special Operations Command — USSOCOM) estão autorizadas a conduzir guerra não convencional.⁸ Entre todas as forças desse comando, as FE são as mais preparadas para conduzir esse tipo de guerra nos termos mais amplos, incluindo, mas não limitadas, à guerra de guerrilha.

Os soldados que conduzem guerra de guerrilha são altamente adestrados, preparados e maduros. São dotados de excelente habilidade para resolver problemas e agilidade mental para atuar na mais fluída das situações. Sua flexibilidade e adaptabilidade são inigualáveis. Capacidade lingüística, conhecimento da área e da cultura, e excelente habilidade para lidar com o elemento humano complementam os requisitos básicos. Os soldados de FE entendem a situação daqueles a quem adestram ou entram em contato, bem como o seu ambiente social, econômico e político. Em tempo de paz, a principal função das FE, em múltiplos desdobramentos além mar, é assegurar que a perícia necessária se encontre presente quando eclodir uma crise.

O soldado de FE não é um lingüista, simplesmente tem conhecimento de idiomas. É adestrado para trocar idéias e treinar outros em habilidades complexas em um ambiente austero. Concentrar-se na guerra não convencional assegura que os soldados de FE estejam preparados para a sua mais difícil missão. A habilidade necessária para conduzir reconhecimento especial e ação direta faz parte dos requisitos da guerra não convencional. Enquanto as FE podem conduzir essas missões de forma unilateral, elas são a única força militar com condições de ensinar ação direta e reconhecimento especial para forças substitutas ou autóctones. Essa habilidade singular destaca os soldados de FE dos seus colegas de outras forças.

As habilidades requeridas para a guerra não convencional são aplicáveis em todos os outros ambientes, das operações de não guerra até a guerra convencional no teatro de operações. Guerra não convencional também proporciona ao comandante-em-chefe do teatro ou da força-tarefa conjunta opções flexíveis com as quais pode exercer pressão durante todo o espectro das operações.

FE são discretas; não são necessárias grandes formações de tropas nem grandes caudas logísticas. Sua contribuição para a superioridade de informação, manobra dominante, engajamento preciso e proteção na dimensão total, está de acordo com as Visões do Exército 2010 e 2020 e a Visão Conjunta 2020. Essa contribuição pode ocorrer durante o engajamento, na resposta à uma crise, no combate e na transição de retorno ao engajamento.

As FE empregam vários meios para coletar informação e inteligência, embora a inteligência humana é a

que tem maior impacto na superioridade de informação. Por meio de contatos de trabalho e relacionamentos formais, as FE preenchem muitas lacunas para auxiliar ao comandante da força convencional a compreender a situação, particularmente nas áreas mais complexas da intenção e motivação. A inteligência humana auxilia ao comandante da força convencional a tomar decisões em tempo oportuno e proporciona o alicerce para uma guerra psicológica bem-sucedida, assegurando assim o emprego mais eficaz dos poucos recursos.

A superioridade de informação provida pelas FE também auxilia ao comandante da força-tarefa conjunta a realizar uma manobra dominante. Influenciar as forças substitutas ou autóctones já treinadas e aconselhadas pelas FE aumenta consideravelmente o domínio da manobra. Esses multiplicadores de força podem dar uma vantagem extraordinária ao comandante da força de manobra, sejam eles empregados em operações de despistamento ou como unidades de manobras. As FE em ação unilateral ou por meio de forças substitutas ou autóctones, também podem incrementar a superioridade de informação em terreno urbano, onde a eficácia de fogos emassados ou de sistemas de lançamento de longo alcance são muito reduzidos. As unidades de FE têm o poder de limitar os danos colaterais inerentes a esse tipo de poder de fogo empregando indicadores de alvo a laser ou outras tecnologias de sensor-atirador, que permitem um engajamento mais preciso. Essas tecnologias reduzem o risco das plataformas de lançamento e guiam a munição de grande alcance contra alvos evasivos tais como carros de combate e outros. A superioridade de informação também possibilita a definição precisa de alvos para a guerra psicológica.

A contribuição das FE para a proteção de todo o espectro das operações está na sua habilidade de tirar benefícios da informação e da inteligência obtida por meio de contatos com os nativos. A habilidade singular das FE de trabalhar com a população local e com os movimentos de resistência é indispensável. Técnicas especiais de infiltração introduzem soldados de FE entre as forças inimigas que pretendem engajar, aumentando, exponencialmente a sua inteligência. Operações de ação direta, sabotagem, subversão, operações ofensivas de informação e apoio de informação melhoram o entendimento do espaço de combate pelo comandante da força-tarefa conjunta e pelo comandante-em-chefe do teatro, dificultando ao inimigo o entendimento equivalente. Ao aumentar o atrito e a confusão da guerra para o adversário, as FE reduzem a velocidade e a eficácia do processo decisório inimigo melhorando, ao mesmo tempo, o do comandante das forças amigas. Na verdade, o emprego e a aplicação criteriosa das FE no início das operações em uma guerra não convencional poderá

eliminar ou reduzir significativamente o emprego das forças convencionais.

Cultivar relacionamentos e identificar personalidades-chave — ou engajamento — é uma missão contínua das FE. A combinação de estudos detalhados e a presença de soldados no terreno envolve as FE, todos os dias, num possível ambiente de guerra não convencional. Um dos aspectos mais desafiante da guerra não convencional é o fato de que as unidades de FE estão regularmente envolvidas nela. O Comando de FE do Exército dos EUA (Aeroterrestre) coordena atualmente o trabalho para garantir o máximo apoio de guerra não convencional aos Comandos de Operações Especiais que apóiam os comandantes-em-chefe de teatro.

Atualizando e Revitalizando a Doutrina de Guerra Não Convencional

A dinâmica e a natureza versátil da guerra não convencional asseguram a relevância das FE. Entretanto,

Originalmente, as FE foram estruturadas para o tipo de guerra não convencional da década de 1950 . . . Durante a revitalização das operações especiais na década de 1980, o Exército concentrou-se na ameaça soviética contra o oeste europeu. Para garantir sua relevância durante a Guerra Fria, as FE assumiram um grande papel nas atividades de reconhecimento especial e ação direta.

a percepção errônea de que a guerra não convencional não é nada mais que uma guerra de guerrilha, contribui para a sua negligência atual. A doutrina da guerra não convencional está desatualizada e o seu adestramento é limitado.⁹ A doutrina atual ainda se refere à guerra não convencional como sendo conduzida em sete fases.¹⁰ Esse conceito precisa ser reavaliado; é mais apropriado descrever guerra não convencional em termos das fases doutrinárias do Exército dos EUA — engajamento, crise, resposta, guerra e retorno ao engajamento.

O Exército está revisando e atualizando a doutrina para atender às capacidades e exigências da época. Sendo cada dia mais aparente a necessidade da flexibilidade e da utilidade da guerra não convencional, as diretrizes da missão e o adestramento serão mais centralizados. As lições aprendidas não se encontram nos relatórios pós-ação dos adestramentos; eles se originam dos relatórios pós-ação das forças ativamente envolvidas nas operações de guerra não convencional. Esse reservatório de

informações não deve ser limitado às experiências norte-americanas; deve incluir as operações russas na Chechênia, as australianas no Timor Leste e outras atividades de guerra não convencional ao redor do mundo.

A guerra não convencional está sendo revitalizada de várias maneiras. O Curso de Qualificação para FE oferece nova ênfase à linguagem e ao adestramento cultural para esse tipo de guerra. A guerra não conven-

A doutrina da guerra não convencional está desatualizada e o seu adestramento é limitado. A doutrina atual ainda se refere à guerra não convencional como sendo conduzida em sete fases. Esse conceito precisa ser reavaliado; é mais apropriado descrever guerra não convencional em termos das fases doutrinárias do Exército dos EUA — engajamento, crise, resposta, guerra e retorno ao engajamento.

cional também está sendo integrada ao Centro Nacional de Adestramento no Forte Irwing, Califórnia e, até certo ponto, ao Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto no Forte Polk, na Louisiana.

Os quadros de dotação e organização para os grupos de FE são baseados nas missões de 1980 e devem ser

reavaliados para acompanharem as atuais missões de guerra não convencional. As FE devem ser absolutamente capazes de conduzir sua parcela de ações contra terrorismo, contra proliferação de armas de destruição de massa e as operações de informação.

Enquanto as contribuições tecnológicas em potenciais para a guerra não convencional sejam importantes, seu ingrediente essencial são os soldados de FE. Das capacidades inerentes a esses altamente adestrados soldados de FE fluirão todas as outras capacidades da guerra não convencional. A diversidade da guerra não convencional faz dela uma atividade dinâmica. Para que se possa extrair o máximo de vantagens nesse tipo de guerra, o Exército deve se concentrar naqueles soldados com características especiais.

Utilizar o conceito de guerra não convencional como a principal missão das FE e como fonte de todas as outras tarefas básicas pode parecer radical, mas isto é uma simples estrutura conceitual para a análise das atuais missões. O centro de análise da missão do Comando de Operações Especiais do Exército dos EUA define as tarefas essenciais sem fazer grandes mudanças nas definições já consagradas.¹¹ O que é diferente é a caracterização das tarefas de ação direta, reconhecimento especial e defesa interna no estrangeiro como um sub-sistema da guerra não convencional. Um sólido adestramento para a guerra não convencional irá garantir que os soldados do Exército norte-americano continuem a ser os guerreiros assimétricos mais importantes e melhor preparados do mundo. **MR**

Referências

1. Publicação Conjunta (*Joint Publication*) 1-02, *The Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms* (Washington, DC: Government Printing Office (GPO), 23 de março de 1994, atualizado em 6 de abril 1999), p. 713.

2. *Lieutenant General* Patrick M. Hughes, "Global Threats and Challenges: The Decades Ahead," relato apresentado ao Comitê do Senado para as Forças Armadas, 2 de fevereiro de 1999, Washington, DC, <www.defenselink.mil/speeches/1999/s19990202-hughes.html>.

3. Palestra para o Comando, Comando das FE do Exército dos EUA (Aeroterrestre), [local e data desconhecidos], 2000.

4. General Peter J. Schoomaker, "Special Operations Forces: The Way Ahead" [data de publicação desconhecida], p. 2.

5. Ver Major Messing e William Shingleton, "National Defense Council Foundation:

World Conflict List 1999," <www.ndcf.org/Conflict_List/World99.html>.

6. Coronel Aaron Bank, *From OSS to Green Berets: The Birth of Special Forces* (Novato, Califórnia: Presidio Press, 1986), pp. 149-59.

7. Estratégia Militar Nacional, capítulo 2, "The Strategic Environment: Opportunities and Challenges," <www.dtic.mil/jcs/nms/strategi.htm>.

8. US Code, Title 10, Section 167, "Unified Combatant Command for Special Operations Forces," <www4.law.cornell.edu/uscode/>, Janeiro de 2000.

9. Ver o Manual de Campanha do Exército dos EUA, *FM 31-20, Doctrine for Special Forces Operation* (Washington, DC: GPO, Abril de 1990).

10. *Ibid.*, pp. 9-5.

11. Comando de Operações Especiais do Exército dos EUA, "Mission Area Analysis for POM FY 02-07" (Forte Bragg, Carolina do Norte: Janeiro de 1999).

O Coronel Michael R. Kershner é o subcomandante do QG do Comando de FE do Exército dos EUA (Aeroterrestre), Forte Bragg, Carolina do Norte. Possui o título de Bacharel pela Academia Militar dos EUA, o de Mestre pela Boston University e é graduado da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e da Escola Superior de Guerra do Exército dos EUA. Serviu em inúmeras posições de comando e estado-maior no território continental dos EUA, no Panamá e na Bósnia-Herzegovina.